

PARA ALÉM DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: ORALIDADE E O ENSINO DA LÍNGUA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO EF

BEYOND PHONOLOGICAL AWARENESS: ORALITY AND THE TEACHING OF WRITTEN LANGUAGE IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

Clarice Staub Lehnen

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3380-0437>

UFRGS, BRASIL

E-mail: clarice.s.lehnen@gmail.com

Gabriela C. M. de Freitas

ORCID: <https://orcid.org/https://0000-0001-5309-8089>

SMED, BRASIL

E-mail: gabimdefreitas@gmail.com

Resumo

O processo de alfabetização necessita que a criança alcance o nível de relação fonema-grafema, a fim de que possa se apropriar do sistema alfabético de escrita, entrando nesse “jogo” a consciência fonológica. Porém, sabemos que ela não é a “varinha mágica” que transforma nossas crianças em leitores fluentes. Entre críticas e reducionismos de que a consciência fonológica se torne um processo meramente mecânico e que não leva ao desenvolvimento da escrita e da leitura em todo seu potencial, entendemos que há diferentes formas de lidar com essas habilidades no processo de ensino-aprendizagem. O que mais precisa estar em jogo quando se aprende a ler e a escrever, junto com o desenvolvimento da consciência fonológica e do ensino das relações fonema-grafema? Este foi tema de Simpósio na 8ª Jornada de Alfabetização que, através de relatos de experiência e pesquisas, abordou como tratar da consciência fonológica em sala de aula, de forma integrada aos demais níveis de linguagem e aprendizagem, para se chegar à efetiva apropriação do sistema de escrita e de compreensão leitora nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Alfabetização; sistema alfabético; oralidade; consciência fonológica.

Abstract : *The literacy process requires the child to reach the level of phoneme-grapheme relationship so that he can appropriate the alphabetic writing system, entering this "game" phonological awareness. However, we know that it is not the “magic wand” that turns our children into fluent readers. Between criticism and reductionism that phonological awareness becomes a merely mechanical process that does not lead to the development of writing and reading to their full potential, we understand that there are different ways of dealing with these skills in the teaching-learning process. What else needs to be at stake when learning to read and write, along with developing phonological awareness and teaching phoneme-grapheme relationships? This was the theme of a Symposium at the 8th Literacy Journey which, through experience reports and research, addressed how to deal with phonological awareness in the classroom, in an integrated way with other levels of language and learning, to reach the effective appropriation of the system of writing and reading comprehension in the early years of Elementary School.*

Keywords: *Literacy; alphabetic system; orality; phonological awareness.*

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização é um tema instigante, que mobiliza pesquisadores de diversas áreas do conhecimento no mundo inteiro. Ao longo de anos, pesquisas, dissertações, teses, seminários, palestras e cursos trazem o tema para a reflexão científica e debate, na busca de respostas e caminhos que levem ao êxito de um processo tão importante da vida escolar. Dentro dessa perspectiva, este texto foi construído a partir do Simpósio proposto para a 8ª Jornada Internacional de Alfabetização, 10ª Jornada Internacional de Alfabetização e 18ª Jornada de Alfabetização, organizada pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), que propôs o tema geral “Por maior equidade na formação inicial”, tratando dos desafios que se apresentam à formação inicial e continuada dos professores alfabetizadores, bem como daqueles da educação básica brasileira para uma formação mais equânime, que atenda a diversidade de perfis linguísticos, cognitivos e psicossociais dos escolares.

O presente texto apresenta uma reflexão sobre o ensino da escrita nos anos iniciais, trazendo para o debate o termo “consciência fonológica”, que vem sendo divulgado aos professores alfabetizadores em cursos de formação. Pretende-se aqui salientar a importância da consciência fonológica como *uma das* ferramentas para a alfabetização de nossas crianças e refletir sobre o real conhecimento que os educadores têm sobre tal habilidade. Além disso, como exposto no título deste artigo, é necessário olhar “para além” da consciência fonológica na busca de um trabalho efetivo que sirva de mola propulsora para o ensino da leitura e da escrita, a partir da oralidade e da análise da linguagem em seus diferentes níveis.

Pesquisas como a de Freitas (2004), dentre outras, mostram que a consciência fonológica, ou seja, a capacidade de pensar sobre os sons das palavras que ouvimos e falamos, é um facilitador para a alfabetização. Crianças em processo de alfabetização trazem uma bagagem de conhecimento sobre a fala que quando bem trabalhada pelos professores é um importante instrumento na busca de sentido da relação entre a fala e a escrita, no que diz respeito à forma, descobrindo o “princípio alfabético”. Essa descoberta, entretanto, abarca um trabalho que vai além da consciência fonológica, que envolve o ensino das relações grafemas-fonemas, como mostra a pesquisa de Scherer (2008). Nesse processo, a relação entre a fala e a escrita deve ser

instigada e fomentada ao longo dos primeiros anos do ensino fundamental. Mas é preciso ensinar a ler e a escrever levando em conta toda a complexidade da linguagem, considerando grafemas, palavras, frases, textos e as demais habilidades metalinguísticas. A pesquisa de Lehen Wolff (2015) traz justamente como foco a relação entre esses diferentes níveis da linguagem no período de alfabetização. O estímulo a partir de oficinas de poesias, com ênfase nas rimas como atividade de consciência fonológica, foram investigadas quanto à mobilização dos demais níveis de consciência linguística, sendo constatadas reflexões sobre a linguagem nas esferas semântica, sintática, morfológica, textual e pragmática integradas à fonológica.

A partir dessas ponderações iniciais, relembra-se o intuito da Jornada e do tema do Simpósio proposto, da equidade de condições de aprendizagem. Assim, como os achados acadêmicos estão chegando às formações continuadas de nossos professores alfabetizadores? Como está sendo considerada a Consciência Fonológica no ensino, especialmente com relação ao estímulo integrado com outros níveis linguísticos e estratégias de aprendizagem?

2 ALFABETIZAÇÃO E ORALIDADE: PARA ALÉM DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

A consciência fonológica é habilidade que, nos últimos tempos, vem sofrendo de mal entendidos quanto ao que realmente é. *Não* é a percepção auditiva, *não* é a visualização da boca, *não* é propor uma ‘simples’ identificação de sons, desprendida de contexto, tampouco é somente atividade relacionada à escrita de grafemas e identificação de seus sons. Ela é, isto sim, uma capacidade de refletir sobre a *estrutura sonora das palavras*, desenvolvendo-se gradativamente na vida da criança, em casa e no ambiente escolar, envolvendo diferentes graus de complexidade e estratégias cognitivas.

De acordo com a literatura científica, então, o que vem a ser consciência fonológica? Segundo Cardoso-Martins (1991), precursora nos estudos desse tema no Brasil, “é a consciência dos sons que compõem as palavras que ouvimos e falamos” (p.42). Tal capacidade permite a identificação de rimas, de palavras que começam ou terminam com os mesmos sons e de

fonemas que podem ser manipulados para a criação de novas palavras. Ou seja, diz respeito a *operações cognitivas* com os registros cerebrais de sons da fala.

Silva (2022)¹ define este nível de consciência de forma sintética: “*consciência fonológica* diz respeito à habilidade de conscientemente manipular não apenas os sons individuais, mas também as sílabas, as partes das sílabas (rimas) e as palavras”. Realça, portanto, o aspecto voluntário de debruçar-se sobre os sons da fala como um objeto a ser conhecido. A partir daí, os segmentos podem ser analisados, identificados, comparados, produzidos, em diferentes níveis de complexidade cognitiva. Essa autora salienta a diferenciação entre consciência fonológica e consciência fonêmica, muitas vezes confundidas enquanto conceito. O primeiro termo é mais abrangente do que o segundo, que se refere a *uma* das operações da consciência fonológica, ou seja, a habilidade de conscientemente manipular os *sons individuais* ou *fonemas* que compõem uma palavra, habilidade fundamental para a efetivação do processo de escrever num sistema alfabético como o da língua portuguesa. Deve-se frisar, entretanto, que é uma capacidade relacionada à oralidade, ao julgamento e observação dos sons da fala, que serve de mola propulsora para a descoberta do princípio alfabético, ou seja, que serve de “ponte” para o desenvolvimento da relação entre sons e grafemas e vice-versa (SANTOS, 2019; LEHNEN WOLFF, 2015).

Neste ponto é necessário “abrir um parêntese” para que se estabeleça a diferenciação entre consciência fonológica e método fônico, uma vez que parece haver uma “confusão” relacionada a esses termos. Os estudos sobre consciência fonológica e consciência fonêmica não implicam, de forma alguma, em assumir um trabalho atrelado ao método fônico. A consciência fonológica deve ser observada como uma habilidade essencial para a alfabetização, mas jamais como um método. Desenvolver as habilidades metafonológicas é uma dentre outras ferramentas que possibilitam o processo de alfabetização. Esse desenvolvimento se dá a partir de propostas com atividades lúdicas e integradas ao planejamento diário dos anos pré-escolares e primeiros anos do ensino fundamental.

A consciência fonológica é, portanto, decisiva para constatar-se a segmentação das palavras em pedacinhos menores, na oralidade. Porém, ela não basta, sozinha, para a efetivação

¹ <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/consciencia-fonologica> (acesso em 01/09/2022)

do processo de alfabetização, pois não engloba as relações escritas em si, nem todos os demais níveis linguísticos que estão envolvidos tanto na oralidade quanto na escrita. Dessa forma, precisa-se compreender que ela faz parte fundamental do processo de codificação e decodificação escrita, mas precisa estar relacionada aos significados das palavras, à construção de frases, à compreensão textual, a um léxico variado e consistente. Verifica-se, por exemplo, que um ambiente rico em narrativas, poesia, parlendas, jogos verbais e música, que fornecem contexto para as palavras enquanto textos, estimula o desenvolvimento da consciência fonológica da criança, que poderá ter mais refinada a capacidade de interpretar e estabelecer significados, enriquecer a memória auditiva e visual, dispondo de um maior léxico para acionar tal habilidade (Lehnen Wolff, 2009).

Para que a alfabetização se efetive, as relações da oralidade com a escrita precisam passar por um ensino sistematizado, que auxilie a criança a reconhecer e a consolidar relações fonema-grafema para alcançar fluência de leitura. Somente assim haverá disponibilidade cognitiva para aprofundar o processo de compreensão. Cabe aqui considerar o termo *alfabetização*, a fim de definir a abrangência e, em seguida, a relação desta com letramento e literacia, termos que muitas vezes se confundem e superpõem no meio educacional. De acordo com Soares e Batista (2005),

O termo *alfabetização* designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de *representação* da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita (p. 24).

O documento da Política Nacional de Alfabetização - PNA (2019), que tem como base a ciência cognitiva da leitura, define alfabetização como ‘o ensino das habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético de escrita’ (p.18). Já a *Literacia*, também abordada no documento, é conceituada como ‘o conjunto de *conhecimentos, habilidades e atitudes* relacionados à leitura e à escrita, assim como sua *prática produtiva*’ (p. 21). Ao longo do desenvolvimento das habilidades de leitura e da escrita, consideram-se diferentes graus de

literacia, sendo que aqui são destacadas a emergente, a básica e a intermediária, mais diretamente ligadas ao período de alfabetização escolar. A *literacia emergente* deve acontecer antes da alfabetização, sendo a primeira etapa para a construção do conhecimento da literacia. Constitui o conjunto de conhecimentos e habilidades relacionadas à leitura e escrita. A *básica* compreende o período da pré-escola até o final do 1º ano do fundamental, que inclui a aquisição das “habilidades fundamentais para a alfabetização (literacia emergente), como o conhecimento de vocabulário e a consciência fonológica, bem como as habilidades adquiridas durante a alfabetização, isto é, a aquisição das habilidades de leitura (decodificação) e de escrita (codificação)” (p. 21). Essas habilidades básicas precisam ser consolidadas para que a criança consiga acessar conhecimentos cada vez mais complexos. A *literacia intermediária* prevê o período que vai do 2º ao 5º ano do ensino fundamental, quando se desenvolvem as habilidades de fluência na leitura oral e a compreensão de textos, entre outros. Nessa etapa, as crianças começam a utilizar a leitura como ferramenta de aprendizagem, como meio para aprender cada vez mais.

O termo *Letramento* é o mais comumente utilizado no Brasil, tendo surgido nos anos 80, sendo que muitas vezes foi até confundido com o processo de alfabetização em si. Na verdade, um precisa do outro. Magda Soares (2022) define Letramento como

o desenvolvimento das habilidades que possibilitam ler e escrever de forma adequada e eficiente, nas diversas *situações pessoais, sociais e escolares* em que precisamos ou queremos ler ou escrever diferentes gêneros e tipos de textos, em diferentes suportes, para diferentes objetivos, em interação com diferentes interlocutores, para diferentes funções.²

Ou seja, leva em conta o aspecto de *uso* da linguagem escrita, tendo relevância o convívio social, que deve fornecer bases para o ingresso da criança no mundo letrado em seus diferentes gêneros textuais.

Na escola, então, entende-se que a criança precisa conhecer a escrita como um novo sistema da língua a ser assimilado, que tem regras próprias, que registra as palavras de modo

² <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento>, acessado em setembro de 2022.

sempre igual e uniforme como referência da língua, a fim de que todos possam acessá-la, independentemente das suas pronúncias pessoais e regionais. Mas, além disso, também precisa somar experiências com o mundo escrito, que deem sentido e motivação para seu aprendizado de leitura e escrita. Assim como na oralidade gradualmente aprendemos a nos expressar e a compreender a língua com crescente riqueza de recursos, na escrita e leitura ocorre o mesmo, mas dentro de outro sistema, que precisa ser aprendido quanto a seu funcionamento.

É na escola que a criança passa a ter maior contato com o mundo da escrita e descobrir suas convenções e aplicações. Em alguns casos, é somente na escola que a criança vai ter experiências com jogos e brincadeiras orais e contato com material escrito de uma forma significativa e intencional. Nesse sentido, Pereira (2002) ressalta a importância de se oferecer em sala de aula atividades que favoreçam a consciência linguística da criança a partir da leitura. No contato com textos, a criança pode constatar o limite da letra na palavra e no texto, a variação do número de letras, a correlação entre a extensão da emissão fônica e a extensão da representação gráfica. Essa autora acrescenta que as pesquisas sobre as relações entre produção escrita e compreensão em leitura mostram que, nas turmas escolares em que o ensino de leitura e escrita foi integrado, os alunos apresentaram melhor desempenho em ambas.

Na busca do entendimento dessas descobertas, um grande número de pesquisas tem demonstrado que há uma estreita relação entre consciência fonológica e as habilidades de leitura e escrita, em especial a consciência fonêmica, a partir da aprendizagem formal da leitura. Como foi abordado, os aspectos fonológicos e conceituais partilham de processos cognitivos em comum, onde podemos encontrar níveis de maturidade cognitiva correlatos; onde um está mais desenvolvido, o outro provavelmente também estará. (LEHNEN WOLFF, 2009). Dessa forma, é essencial que esses aspectos sejam desenvolvidos de forma efetiva nos primeiros anos escolares e intensificado quando se trata de escolas públicas, que atendem um público infantil menos exposto ao letramento e literacia básica. Para essas crianças faz-se mais necessário o trabalho de exploração da oralidade, das cantigas, parlendas, histórias lidas e contadas, dos jogos com as palavras e da exposição a materiais escritos diversos, para que verdadeiramente sejam inseridas no mundo da leitura e da escrita e desenvolvam a curiosidade e o desejo de aprender.

3 COMO A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA COSTUMA SER VISTA NA ESCOLA

Atualmente o termo “consciência fonológica” tem se aproximado das escolas, em função de formações e de documentos oficiais que regem a Educação no país, principalmente proposta através de jogos. Porém, é preciso estar atento à intencionalidade e consistência desses jogos, identificando com clareza o objetivo proposto por eles. O professor alfabetizador deve dominar o conceito de consciência fonológica e entender como trabalhá-la nas atividades que seleciona, para que verdadeiramente auxilie seus estudantes a pensarem sobre os sons da fala de uma maneira lúdica e prazerosa. Através de brincadeiras e jogos é possível levar os alunos a uma manipulação consciente de sons e palavras que possa contribuir para o processo da alfabetização e desenvolver estratégias cognitivas. Mas, será que os alfabetizadores estão realmente familiarizados com tal conceito? O conhecimento acadêmico, que tanto cresceu nesta área, tem chegado de forma clara às escolas e às formações de alfabetizadores? As formações continuadas de professores têm apresentado os resultados acadêmicos de forma aplicada ao contexto escolar, proporcionando que a teoria sirva de base para a prática?

Em estudo realizado a partir de pesquisa bibliográfica (HERMANN & SISLA, 2019), visando identificar a presença da consciência fonológica em publicações recentes e as formas como se trabalha com ela na escola, as autoras concluem que

quanto ao objetivo de identificar a presença e as formas do trabalho com o desenvolvimento da consciência fonológica em relatos de pesquisas das práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras, uma primeira observação decorrente do estudo é a de que não foi possível encontrar um grande número de pesquisas voltadas para as práticas das professoras alfabetizadoras que discutissem as abordagens teóricas e práticas pedagógicas sobre a consciência fonológica. Muitas vezes foi possível identificar práticas que propiciam o desenvolvimento da consciência fonológica, porém em geral foram pouco explicitadas, parecendo que apenas intuía o trabalho com esta dimensão. A escassez de pesquisas que trazem à tona a consciência fonológica pode ter relação com a controvérsia e a discussão no campo da alfabetização em relação aos métodos e práticas que privilegiam ou mesmo recusam certas facetas (p. 36-37).

Essas autoras acrescentam, ainda, com base nas pesquisas analisadas, que quando existe o desenvolvimento da consciência fonológica, “as crianças apresentam maiores chances de alfabetização, o que requer a ampliação de práticas contextualizadas” (p. 37). Tal dado aponta

para a necessidade de que os professores alfabetizadores se apropriem das questões teóricas referentes à consciência fonológica e não a encarem como um modismo, mas como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da alfabetização. Tal ferramenta deve ser utilizada de forma correta, contextualizada e intencional.

Conclui-se que é preciso que a escola encare a consciência fonológica na sua real função e profundidade, sem interpretações errôneas por mal entendidos do que envolve tal conceito. Deve-se proporcionar momentos em que se trabalhe com a linguagem de uma forma rica, partindo de histórias, canções, parlendas, versos com rimas, trava-línguas ou jogos de palavras em que o propósito seja o de brincar com a fala, chamar a atenção para as palavras e vivenciar momentos de interação com seus pares, vivenciando a linguagem como um jogo, enquanto ele ocorre. Dessa forma, as atividades metafonológicas servirão de ferramenta para a construção dos saberes relacionados à leitura e à escrita, indo além da codificação e decodificação, para que a compreensão se efetive.

A consciência fonológica na escola deve estar presente desde a educação infantil, quando a criança já pode (e deve) brincar com as palavras e sentir-se convocada a entrar no mundo da linguagem, que a faz prestar atenção e pensar nos significados e segmentações da língua, de forma espontânea. Como afirma Sargiani (2022), as crianças em idade pré-escolar devem aprender uma série de habilidades e, dentre elas, o conhecimento sobre o alfabeto e a consciência fonológica. “*Pensar sobre a linguagem é fundamental e deve ser estimulado na educação infantil*” (SARGIANI, 2022, P. 12).

Magda Soares cita, por exemplo, que “rimas e aliterações representam um nível de sensibilidade fonológica que, se desenvolvido, pode trazer efeitos significativos para o processo de alfabetização: levam a criança a dirigir a atenção para a cadeia sonora das palavras” (SOARES, 2017, p. 184). Brincadeiras orais que envolvam rimas e aliterações podem ser propostas desde a educação infantil, permitindo que as crianças pensem sobre os sons da fala desde muito pequenas.

Nos anos iniciais do ensino fundamental essas brincadeiras com a linguagem devem ser incrementadas e podem servir de ligação para o entendimento do princípio alfabético, quando os estudantes passam a relacionar os sons da fala e suas representações na escrita. Nesses momentos

estão sendo convidados para irem “além da consciência fonológica”, estabelecendo relações entre sons e grafemas e construindo seus conhecimentos alfabéticos.

As atividades metafonológicas precisam ser inseridas no grande mundo da linguagem oral e escrita, da fala e da leitura. É necessário ler *para* as crianças e ler *com* as crianças. Propiciar contato efetivo com o mundo da escrita, principalmente quando pensamos em escolas públicas e crianças que pouco vivenciam em casa o letramento e a literacia familiar. Para essas crianças é necessário que a escola supra essa carência na busca da equidade de aprendizagem. Professores têm o importante papel de servir de leitores e estimuladores; modelos que transitam no mundo da escrita de forma a apresentar a linguagem e sua riqueza de recursos, desenvolvendo nos estudantes o interesse por jogos com as palavras, oralidade, leitura e escrita. Serão, então, verdadeiros atuantes na busca da equidade de experiências e vivências de aprendizagem.

No Simpósio proposto pelas autoras deste artigo, trabalhos foram apresentados por grupos de pesquisadoras justamente nesse sentido. A preocupação em situar as avaliações de aprendizagem levando em conta a linguagem oral das crianças, a fim de proporcionarem-se atividades adequadas para o ensino da escrita, foi o objetivo em ‘Validação de um protocolo de estimulação (meta)fonológica e fonografêmica para o desenvolvimento da escrita em crianças alfabetizadas, de Maria Elisabete Viana da Silva. A ludicidade e a preocupação com a reflexão sobre os sons da fala na alfabetização escolar, aliado a estratégias cognitivas e interação com os pares, foi o foco de ‘A importância dos jogos no processo de consciência fonológica das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental’, de Graciele Oliveira Pires, Débora Andrade Lago e Marilete Calegari Cardoso. E o reforço à necessidade de começar cedo a estimulação com brincadeiras com os sons, em contextos atrativos para a sensibilização aos segmentos da fala foi abordado em ‘Consciência fonológica na educação infantil: revisão de literatura e de jogos’, de Ana Carolina Santos Brito e Claudionor Alves Costa. A discussão das práticas de ensino que levam em conta a consciência fonológica em atividades contextualizadas foi marcada pelas evidências do quanto as crianças mostram progressos na sua aprendizagem de leitura e escrita na escola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: COMO IR ALÉM DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

NA ALFABETIZAÇÃO

Como proposto no Simpósio “Para além da consciência fonológica: oralidade e o ensino da língua escrita nos anos iniciais do EF”, não só a consciência fonológica sustenta a alfabetização. Ela proporciona o acesso à bagagem que a criança traz relacionada à fala, ou seja, o que já conhece e usa para se comunicar. Permite que se faça uma ligação entre essa bagagem e o novo conhecimento sobre o mundo da leitura e da escrita. Gradualmente, esses novos conhecimentos precisam ser explicitados e sistematizados nas relações entre fonemas e grafemas, a fim de permitir a organização e o entendimento desse novo sistema para, aos poucos, alcançar fluência e desvendar frases e textos escritos. Esse equilíbrio entre o oral e o escrito, entre o lúdico e o ensino, o jogo e o registro, precisa ser feito diariamente pelo professor, maestro dessa grande orquestra que é a alfabetização. E, quando se pensa em diariamente, é importante enfatizar que a alfabetização precisa de rotina e intencionalidade.

Essa busca por intencionalidade deve estar presente no planejamento do alfabetizador que, como afirma Magda Soares em seu livro “Alfabetização: a questão dos métodos”, deve alfabetizar *com método*, deve ser um conhecedor sobre as habilidades e conhecimentos necessários ao desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos. Alfabetizar não pode estar ligado a modismos, mas a estudo, conhecimento, vivência e trocas de experiências entre profissionais que busquem um trabalho coletivo e que proporcione a almejada equidade na educação de nosso país. Essa busca não pode ser de um professor ou dos professores que atuam nas turmas de primeiro ano, mas deve ser do coletivo de professores da instituição, responsáveis pela formação de seus alunos desde a educação infantil até os anos finais. A alfabetização é a base inicial que transforma os alunos em leitores, que desenvolve a aprendizagem da técnica da leitura e escrita para, futuramente, possibilitar que usem leitura e escrita para aprender outros conhecimentos escolares.

O professor não tem a “varinha mágica”, porém é ele o responsável por saber dosar entre oralidade e escrita, por reconhecer e valorizar os conhecimentos dos estudantes, a sua bagagem de linguagem, como referência para entrarem no sistema escrito. É ele que vai guiando as curiosidades e as descobertas, abrindo caminhos, selecionando estratégias, incentivando e

instigando, perguntando e respondendo, verdadeiramente assumindo o seu papel de educador. Alfabetizar não é somente testar as hipóteses de escrita das crianças. É preciso ir além! É necessário observar os desempenhos e conduzir as aprendizagens. Alfabetizar é um constante vai e vem... uma hora estamos brincando com a fala, na outra estamos fazendo leituras de palavras, em seguida estamos tentando escrever. Em alguns momentos estamos nos sons, em outros brincamos com as palavras e com os textos. Nesse processo de ensino e aprendizagem, o alfabetizador precisa saber a importância de explicitar, sistematizar e organizar os conhecimentos. Somente assim saberá usar não uma ‘varinha mágica’, mas um conjunto de ferramentas que estão à disposição na busca do caminho que leva à formação de verdadeiros leitores e escritores.

REFERÊNCIAS:

CARDOSO-MARTINS, Cláudia. **A sensibilidade fonológica e a aprendizagem inicial da leitura e da escrita.** Cadernos de Pesquisa, v. 76, p. 41-49, fev. 1991.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes de. **Consciência fonológica e aquisição da escrita: um estudo longitudinal.** Tese. Doutorado em Linguística Aplicada. PUCRS, Porto Alegre 2004.

HERMANN, Amanda dos Reis; SISLA, Heloísa Chalmers. **A consciência fonológica no processo de alfabetização em pesquisas recentes.** Leitura: Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, v.37, n.76, p.27-40, 2019.

LEHNEN WOLFF, Clarice. **Compreensão de história e consciência fonológica de crianças pré-escolares.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 2009.

LEHNEN WOLFF, Clarice. **Descobrimo as rimas em poemas: estudo sobre os efeitos das rimas na consciência fonológica e suas relações com os demais níveis de consciência linguística durante o processo de alfabetização.** Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS, 2015.

PEREIRA, Vera Wannmacher. Alfabetização: a leitura no fio da história. In: PEREIRA, Vera Wannmacher (org.). **Aprendizado da leitura: ciências e literatura no fio da história**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização**. PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização – Brasília : MEC, SEALF, 2019. Scherer (2008)

SANTOS, Rosangela Marostega. Consciência fonológica: a ponte para a alfabetização. In.: MIRANDA, Ana Ruth Moresco, DONICHT, Gabriele. **Estudos sobre aquisição da linguagem escrita**. Pelotas: Ed. UFPel, 2019.

SARGIANI, Renan (Org.). **Alfabetização baseada em evidências: da ciência à sala de aula**. Porto Alegre: Penso, 2022.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda a criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.